

AS MÚLTIPLAS FACES DE CLIO E O CONCEITO DE AUTOR

Joedna Reis de Meneses*

RESUMO: Este trabalho analisa as dissertações e teses que foram produzidas no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, entre 1977 e 2000. Trata-se de uma análise que privilegia os caminhos teórico-metodológicos percorridos pelo discurso historiográfico nas últimas décadas do Século XX e que toma as dissertações e teses do PPGH como documentos/monumentos decompostos através do olhar deste trabalho.

Palavras-chave: Historiografia, Teoria da História, Produção Acadêmica.

ABSTRACT: This work analyses dissertations and theses of the History Postgraduate Programme of the Universidade Federal de Pernambuco between 1977 and 2000. Therefore, the analysis highlights the theoretical-methodological speech in the last decades of the twentieth century, considering dissertations and theses of the History Postgraduate Programme as deconstructed documents/monuments in the perspective of this work.

Key-words: Historiography, History Theory, Academic Production.

Neste trabalho, pretendo destacar o conceito de autor através da análise dos que se dedicam ao ofício de Clio e constroem suas múltiplas faces, especificamente, os pós-graduandos em História da UFPE que se apropriam de diferentes artifícios para a produção historiográfica, têm os seus discursos atravessados por elementos que ultrapassam os seus universos particulares. Desse modo, posso questionar: os historiadores elaboram os seus trabalhos de maneira exclusivamente individual? Em que medida um lugar de sujeito, como o de autor, não guarda relações com outros lugares de sujeito, com outros indivíduos que se comunicam através de textos?

Michel Foucault, em um ensaio intitulado *O que é um autor?* buscou analisar não apenas o conceito de sujeito como também a função do lugar de sujeito autor e, especificamente, do sujeito autor escritor. A sua pergunta inicial - o que é um autor? - contém outras perguntas: como funciona o lugar de sujeito autor? Quais discursos que cercam a elaboração deste enunciado? Quais os significados que esta palavra - autor - foi construtora com o passar do tempo?

O mencionado texto de Foucault possui uma aproximação com o presente trabalho na medida em que o conceito de autor, de maneira semelhante às regras de produção da escrita histórica, sofre mudanças ao ser enunciado em épocas diferentes:

* Departamento de Geo-História, Universidade Estadual da Paraíba, doutora.

A função do autor está ligada ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas, não reenvia pura e simplesmente para um indivíduo real, podendo dar lugar a vários 'eus' em, simultâneo, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar. (FOUCAULT, 1992, pp. 56-57)

Existem, segundo Foucault, “práticas discursivas” produtoras do sujeito autor. Esta produção, por sua vez, não se realiza do mesmo modo quando se trata de épocas distintas. A função do sujeito autor está condicionada a sua historicidade, às palavras a ela relacionadas. O conceito de autor é construído historicamente.

A abordagem do conceito de autor relacionado à idéia do lugar do sujeito permite a observação do mesmo como um indivíduo que alterna os seus lugares, que modifica os seus pensamentos:

Vários, como eu sem dúvida, escrevem para não ter mais um rosto. Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever. (FOUCAULT, 1995, p. 20)

A liberdade acima sugerida lembra algo que a maioria dos trabalhos acadêmicos apontam: não se trata de últimas palavras sobre nenhuma temática. Não existem rumos pré-determinados para uma escrita. Embora o texto esteja atravessado por regras e, no caso específico dos textos aqui analisados, regras acadêmicas, elas não são capazes de determinar, sozinhas, a condução do texto. Para Foucault, o autor não é um indivíduo estático, ele tem o direito à mudança. Seus textos não precisam defender os mesmos princípios eternamente. Todos têm direito a mudança, inclusive o pensamento dos autores. O mesmo indivíduo escritor de uma dissertação de mestrado não é o mesmo sujeito ao escrever a sua tese de doutorado. Alguns anos se passaram, outros textos foram lidos, outros relacionamentos foram travados, outros artigos produzidos. Porque o lugar de sujeito autor, como qualquer outro, está relacionado a outros lugares de sujeito a serem ocupados pelos indivíduos nas suas diversidades e multiplicidades:

Dizer algo em nome próprio é muito curioso, pois não é em absoluto quando nos tomamos por um eu, por uma pessoa ou um sujeito que falamos em nosso nome. Ao contrário, um indivíduo adquire um verdadeiro nome próprio ao cabo do mais severo exercício de despersonalização, quando se abre às multiplicidades que o atravessam de ponta a ponta, às intensidades que o percorrem. (DELEUZE, 2004, p.15)

Ser múltiplo é se reconhecer como um indivíduo capaz de ocupar diferentes lugares de sujeito, inclusive o de autor. Esse lugar de autor também é o lugar do diverso porque existe um certo engano ao se tomar a escrita como uma prática solitária.

No caso das dissertações e teses, essa escrita tem um destinatário pré-estabelecido, antes de ter a sua primeira linha construída: o orientador e, por conseguinte, a banca. O autor e, com destaque o autor pós-graduando, não constrói o seu texto de maneira solitária. Ele imagina todo o tempo esse seu outro, o leitor, em outras palavras, o seu julgador.

(...) A partir da figura especular do autor, o leitor torna-se juiz; o poder policial encarregado de verificar a autenticidade da assinatura e a consistência do comportamento daquele que assina.(FOUCAULT, 1992, p. 14)

As chamadas regras acadêmicas almejam a organização de um trabalho que possa ser considerado digno de ser examinado, digno de ser levado ao exame final. Sem dúvida, os membros das bancas de defesas são leitores que possuem o dom institucionalizado de julgar. Eles foram, na maior parte do tempo de escrita do texto, alvo do pensamento dos autores. Eles são os destinatários principais dos textos, é para eles, em primeiro lugar que os autores, comumente, nos agradecimentos, afirmam: *os erros, as possíveis falhas deste trabalho não devem ser atribuídas aos colaboradores enumerados*. No caso de falha, apenas o autor, na sua individualidade, deve ser o único punido. Escrever imaginando o leitor faz parte do ato de escrever. Esse é o primeiro gesto que impossibilita ao texto, aos livros, às dissertações e teses serem considerados produtos de um indivíduo.

Os denominados “exames de qualificação” que precedem este ritual final, presentes nas diferentes pós-graduações do país, têm fortemente esta característica de indicação de novos rumos, novas leituras, novas perguntas às temáticas pesquisadas. Desse modo, além de julgadores, os membros das bancas e os orientadores podem ser situados em qual lugar de sujeito? Ou seja: a versão final da dissertação ou da tese tem no seu autor o único produtor? O ritual de produção acadêmico poderia ser considerado um exercício de despersonalização da escrita no sentido da expressão de Giles Deleuze?

Neste mesmo sentido, gostaria de me atrever a tratar os textos do Programa de Pós-Graduação em História – UFPE como produtos de sujeitos múltiplos; como produtos destes rituais institucionalizados na academia.

O temor do julgamento, porém, não se encontra circunscrito apenas a banca. Pois, como afirma Foucault, em relação a construção do lugar de sujeito autor, o leitor torna-se juiz. Assim, emerge, no final da dissertação de Auricélia Pereira (2000, p. 303, grifos nossos) o

temor desse juiz - o leitor – por ela denominado de *viajante esgotado*, na medida em que a autora elabora os seguintes pedidos:

(...) E por favor viajante esgotado não me julgue, não me condene, ou pelo menos não me queira muito mal. Tampouco me engesse em outras prisões de palavras: 'irracional', 'bestial', 'incoerente'. Mas se por acaso esta vontade de dominar-me através das palavras te invadir, faça meu o apelo de Natalie Zemon Davis: Dê-me mais uma chance. Leia de novo.

O gesto de escrever que todo o tempo imagina esse outro, o leitor e, no caso das dissertações e teses, os leitores com um poder de interferência maior – membros das bancas, faz com que o resultado final do trabalho possa ser considerado como um texto que teve as suas possibilidades de existência ligadas aos acréscimos “solicitados” pelas “argüições” e propostas das bancas, dos orientadores, dos leitores amigos e próximos, dos leitores imaginários, que no momento em que Pereira escreveu o trecho acima, estavam-na cercandoo.

O medo desse julgamento está no receio do aprisionamento que conceitos classificatórios podem provocar.

Ítalo Calvino (2000, p. 138), ao construir uma exaltação do romance como um entrelaçamento de elementos, elaborou este pertinente comentário:

Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele unicum que é o self de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.

Não é apenas a obra que é múltipla, mas o próprio autor que é a reunião de todos os seus passados, de todas as suas leituras de mundo, que é um sujeito múltiplo e, parafraseando Michel Foucault, um indivíduo que ocupa diferentes lugares de sujeito.

Nos momentos de aparente solidão, o gesto de escrever aproxima o autor desses outros lugares de sujeitos, de outros indivíduos; Estes, por sua vez, algumas vezes, estão materializados em textos visitados durante a construção da dissertação ou tese, noutras, presentes apenas nas lembranças, nos pensamentos aleatórios que atravessam o autor na sua multiplicidade.

Chegaríamos finalmente à idéia de que o nome de autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu, mas que, de algum modo, boreja os textos, recortando-os, delimitando-os, tornando-lhes manifesto o seu modo de ser ou, pelo menos caracterizando-lhe. (FOUCAULT, pp. 45-46)

O autor caracteriza os seus textos. Existe a multiplicidade de olhares na produção dos textos e da História mas, essa multiplicidade, é limitada pelo conceito de autor. A palavra autor busca aprisionar, definir os caminhos da escrita ao menos em um determinado período da vida dos indivíduos. No entanto, apesar dos textos estarem atravessados por regras acadêmicas, elas não são capazes de determinar, sozinhas, a condução dos mesmos. As escritas da História, constituem-se em caminhos, escolhas. Opções por esta ou aquela das faces de Clio. Porque as escritas da História, hoje e comumente, falam dessa possibilidade da História ser múltipla, ser diferente, mesmo quando os historiadores se debruçam sobre um mesmo tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o Próximo Milênio**: lições americanas. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**, 1972-1990. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.

DELEUZE, Gilles. e GUATARRI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Vol. 3)

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **O Que é um Autor?** Lisboa: Vega, 1992.

PEREIRA, Auricélia Lopes. **O Rei do Cangaco e os Vários Lampiões**. UFPE: PPGH, 2000